

O mal-estar das Juventudes brasileiras Segregadas ¹

I- Introdução

Podemos afirmar, que no Rio de Janeiro, não estaremos cometendo um exagero se dissermos que está ocorrendo, atualmente, um verdadeiro genocídio ² das crianças e jovens das classes populares. Nossas estatísticas demonstram que a maioria da população infantil encontra-se submetida às piores condições de vida da cidade, pois habitam áreas de grande concentração de pobreza, ³ enquanto as Juventudes moradoras dessas áreas vive em permanente situação de risco.

Apesar de não sermos uma nação em guerra, os índices de mortes no Rio de Janeiro, especialmente da população jovem masculina e negra, ultrapassam em muito os índices de regiões do mundo que satisfazem a definição tradicional de “conflito armado” ou “guerra”. No conflito entre Israel e a Palestina sobre os territórios ocupados, morreram 467 menores israelenses e palestinos entre 1987 e 2001. Durante o mesmo período, apenas no município do Rio de Janeiro, morreram 3.937 menores por ferimento à bala. ⁴

¹ Tema apresentado na Sexta Jornada do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, na Mesa Redonda: Juventudes Segregadas, Maio de 2007.

² Crime contra a humanidade, que consiste em, com o intuito de destruir, total ou parcialmente, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, cometer contra ele qualquer dos atos seguintes: matar membros seus; causar-lhes grave lesão à integridade física ou mental; submeter o grupo a condições de vida capazes de o destruir fisicamente, no todo ou em parte; adotar medidas que visem a evitar nascimento no seio do grupo; realizar a transferência forçada de crianças de um grupo para o outro: “Quantas esperanças fundaram os alemães nos gases asfixiantes e na guerra bacteriológica!... E os que mais protestavam contra esses nefandos genocídios herdaram a idéia e continuaram estudos de aperfeiçoamento dela” (Fidelino de Figueiredo, O Medo da História, pp. 153-154). In FERREIRA, A B H., **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975, p. 687.

³ CORSINO, Patrícia - Tese de doutorado, “**Infância, Linguagem e Letramento: Educação Infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro**”, defendida pelo Departamento de Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RIO / JUNHO / 2003, p.156.

⁴ DOWDNEY, L. **Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 175.

Uma pergunta que precisa ser feita é, se as denominadas políticas de segurança pública não se transformaram em verdadeiras políticas de genocídio contra a população jovem, particularmente do sexo masculino, negra e pobre?

Em sua conferência “**Sobre o mal-estar na modernidade e na brasilidade**”⁵, Birman afirma que em “*conseqüência do neoliberalismo*” e em virtude da “*fragilidade das instituições*” e do “*descaso das autoridades políticas*” em um “*país secularmente miserável*”, como é o caso do Brasil, “*permeado pelas desigualdades terríficas do gozo*”, todas essas condições político e sociais, “*levaram à destruição completa, milhares de pessoas*”. E, acrescenta:

*“Em tudo isso, a marca patrimonialista do Estado brasileiro assumiu signos ainda mais agressivos e ostensivos, conduzindo ao que se pode denominar de um verdadeiro genocídio praticado pelo Estado brasileiro, centrado principalmente, é claro, nas classes populares.”*⁶

Como aponta o próprio título de sua conferência, “**Sobre o mal-estar na modernidade e na brasilidade**”, o autor considera como imperativo uma contextualização histórica da teoria freudiana sobre o mal-estar na civilização. Ao articular a palavra mal-estar e civilização, Freud não apenas teria implodido o sentido original da palavra civilização, como evidenciou as dimensões política e social, enquanto eixos fundamentais para a devida compreensão da economia do dito mal-estar no registro das subjetividades. Assim, a psicanálise, enquanto saber constituído no final do século XIX, foi uma tentativa de resposta e de

⁵ **BIRMAN**, Joel “Sobre o mal-estar na modernidade e na brasilidade” (Conferência realizada na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, em 2003) In **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 73.

⁶ Idem, idem, p. 73.

solução para o mal estar existente na modernidade, mal-estar esse contextualizado historicamente, por Freud, em sua construção teórica.⁷

Vamos examinar algumas novas modalidades de mal-estar que afetam as **Juventudes Segregadas** na brasilidade, especialmente, procurando configurar esse mal-estar em suas dimensões política e social. Em relação a essas dimensões, Ignácio Cano adverte:

*“Seria conveniente que as autoridades estaduais e federais promovessem planos de redução de homicídios. Esses planos deveriam contar com metas específicas, a serem acompanhadas pela sociedade, a fim de tirar o Brasil do lugar em que se encontra, como um dos países mais violentos do mundo”.*⁸

Cano afirma que no mundo inteiro os jovens são os grandes protagonistas da violência, tanto como autores, quanto como vítimas. Porém, no Brasil, aponta para a existência de um diferencial: as altíssimas taxas de violência letal dos jovens do sexo masculino. No Rio de Janeiro, entre os homens de 20 a 24 anos, temos a estarrecedora taxa de mais de 300 homicídios por 100.000 habitantes. Os homicídios vitimam, sobretudo pessoas pretas e pardas, cujas taxas são aproximadamente o dobro da dos brancos. E, se formos analisar as taxas dentro das cidades, a incidência de homicídio é muito mais alta nas áreas carentes de recursos públicos do que nas áreas nobres. A vitimização atinge principalmente aos pobres.

Em pesquisas realizadas, recentemente, constatou-se que no Rio de Janeiro há uma extraordinária concentração de óbitos na faixa entre 15 e 24 anos,

⁷ Idem, idem, p. 63.

pelo que é denominado de violência conjunta: homicídios, agressões, acidentes de trânsito, totalizando em 1988 um percentual de 55%, que é muito maior do que o percentual de causas internas relacionadas a doenças. Os mesmos motivos de óbitos por violência conjunta, nas faixas de 0 a 14 anos e de mais de 24 anos, não excedeu a 5%.⁹

A situação de risco que envolve ser jovem no Rio de Janeiro está evidenciada pelos motivos das causas de mortalidade de menores de dezoito anos. Em 2000, as causas externas foram responsáveis por 54% de todas as mortes de menores de dezoito anos no Rio de Janeiro. Sendo os motivos da maioria dessas causas externas o seguinte: 57% por ferimentos provocados por balas, contra apenas 14% devido a transporte e 29% de outras causas externas.

Como chegamos a isso? É possível reverter essa realidade de índices absurdamente altos de mortalidade dos jovens em nossa cidade? Na opinião de Cano, um dos motivos pelos quais os homicídios nunca foram prioridades nas políticas de segurança pública no Brasil, é porque afetam grupos sociais de baixa renda, que não têm a capacidade de mobilizar a sociedade nem o aparato do Estado.¹⁰ Chegamos a um ponto em que nos perguntamos: na verdade o que está acontecendo não pode ser caracterizado como uma política de genocídio, contra as **Juventudes Segregadas, aquelas que habitam áreas de grande concentração de pobreza?**

Dentro desse contexto político e social, um fato chama atenção: a maioria das crianças pequenas residentes no Rio de Janeiro pertence,

⁸ CANO, Ignácio “Violência Estrutural e suas repercussões na juventude” In **Violência contra a mulher adolescente-jovem** Stella R. Taquette, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 47.

⁹ ABRAMOVAY, Miriam (Coord.) **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

justamente, aos estratos de população de baixa renda.¹¹ Pelo Censo Demográfico de 2000, 10,69% da população do Rio de Janeiro tem de 0 a 6 anos de idade. Comparando os percentuais de distribuição desta parcela da população infantil, nas cinco áreas de planejamento nas quais encontra-se dividido o município do Rio de Janeiro¹², com as cinco maiores áreas de concentração de pobreza em nosso município, encontraremos o seguinte quadro:

Tab. 1

	TOTAL	AP1	AP2	AP3	AP4	AP5	ACARI	C.ALEMÃO	MARÉ	ROCINH.	JACAREZ.
POP%	10,69	10,08	7,03	10,85	10,99	12,77					
							16,02	15,33	15,29	15,07	13,82

No contexto sócio-político atual que atinge as Juventudes Segregadas em nosso município, ao analisar o quadro acima, não parece absurdo fazermos uma tentativa de leitura da diferença nos índices de distribuição da população infantil entre áreas de grande concentração de pobreza e áreas nobres.

Como exemplo dessa leitura, destacamos a população das crianças de 0 a 6 anos da Rocinha, que é de 15,07 % em comparação com a população de 0 a 6 anos das áreas da AP2: Zona Sul, Tijuca e adjacências, que é, de 7,03%. Essa diferença de natalidade entre as áreas de concentração de pobreza, onde nascem pelo menos o dobro de crianças do que nas áreas nobres, a nosso ver

¹⁰ Idem, idem, pp. 43-48.

¹¹ CORSINO, Patrícia - Tese de doutorado, "Infância, Linguagem e Letramento: Educação Infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro", defendida pelo Departamento de Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RIO / JUNHO / 2003, p. 168.

¹² AP1/Centro da Cidade, inclui Rio Comprido e Santa Teresa; AP2/Zona Sul, Tijuca e adjacências; AP3/ Eixos relacionados com as vias ferroviárias (Central, Leopoldina, Rio D'Ouro); AP4/Expansão da cidade em direção à Barra da tijuca e Jacarepaguá; AP5/Zona Oeste.

pode ser interpretada como “**formas de resistência**”¹³ das camadas populares frente ao genocídio que vem sendo praticado contra a sua população jovem.

E, também chama a atenção que, se em relação às políticas de segurança pública nunca foi colocado em prática uma política de redução de homicídios, nem há indícios de ações no sentido de promover esse debate na sociedade; em contrapartida, presenciamos atualmente uma grande preocupação, nas políticas de saúde pública, em fomentar na sociedade o debate sobre a legalização do aborto, o que certamente visa ampliar essas práticas entre as classes populares.

Se nos detivermos agora, para examinar as estatísticas de criminalidade, é notório um aumento substancial de menores presos por delitos ligados ao tráfico nos últimos dezoito anos. Nessa tabela podemos analisar o quadro das ocorrências policiais envolvendo menores de dezoito anos no município do Rio de Janeiro, entre 1984 e 2001. Nas linhas laterais os delitos são respectivamente de cima para baixo: **Homicídio; Lesão Corporal Dolosa; Roubo; Entorpecentes; Porte Ilegal de Armas**. Grifamos os números de delitos ligados a linha de Homicídios e Entorpecentes para sublinhar, o **baixíssimo número de homicídios cometidos pelos Jovens** e a progressão acentuada de delitos ligados a Entorpecentes, ao longo desses últimos dezoito anos .

¹³ Esta expressão, “**formas de resistência**”, aplicada ao fenômeno do alto índice de natalidade foi empregada pela primeira vez, pela psicanalista e colega de grupo de pesquisa – “Genealogias, Violências e Subjetivações” - Sílvia Alexim Nunes -, ao comentar esta constatação por mim evidenciada em meu projeto de pesquisa: “Violência TÔ Fora! Uma investigação das relações entre juventudes, violências e feminilidades”.

Tabela 2

	1980	81	82	83	84	85	86	87	88	89	1990	91	92	93	94	95	96	97	98
Hom.	48	38	27	27	35	40	33	40	37	27	28	34	37	30	31	31	38	31	40
Les.	135	165	170	191	171		151	148	166	146	113	120	100	132	146	189	188	237	300
Rou.	391	411	255	467	886	1175	848	1129	449	634	703	836	822	708	816	787	699	674	600
Ent.	110	125	217	253	323		409	333	394	264	314	327	441	329	535	1065	1402	1648	2000
Por.													74	38	52	88	61	96	200

Fonte: 2ª Vara da Infância e Juventude, SSP-RJ¹⁴

Segundo depoimento do Major Carballo, responsável pela implantação do Primeiro GEPAE, Grupamento Especial de Polícia para Áreas Especiais¹⁵, na Comunidade do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho em 2000 – *“um policial experiente sempre atira numa criança armada, enquanto o policial inexperiente hesita antes de atirar. Isso ocorre porque o policial experiente conhece o perigo oferecido por uma criança portando uma arma, mas o inexperiente ainda não aprendeu isso.”*¹⁶

Se entre as **Juventudes brasileiras Segregadas**, ainda não se difundiu uma **Cultura do Pânico** talvez seja pelo fato de que essas Juventudes se encontram permanentemente em contato com uma **Cultura do Genocídio**. Todo este cenário mostra que as **Juventudes Segregadas** das favelas cariocas, da qual uma parcela acaba cooptada para trabalhar na indústria do narcotráfico, estão vivendo em “guetos voluntários”.¹⁷ Essa realidade tem sido retratada em

¹⁴ DOWDNEY, Luke, **Crianças do Tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 121.

¹⁵ Este Major tinha uma atuação na Comunidade do Cantagalo Pavão-Pavãozinho muito importante, os moradores tinham seu celular e podiam entrar em contato com ele a qualquer hora.

¹⁶ DOWDNEY, Luke, **Crianças do Tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 170.

¹⁷ Em estudo de 1928 (que se tornou depois um clássico do gênero) sobre o gueto de Chicago, Louis Wirth mostrou que a formação na América desses guetos, por imigrantes judeus, não podia

documentários como **“Falcão – Meninos do Tráfico”**¹⁸, **“Notícias de Uma Guerra Particular”**¹⁹ e **“Cidade de Deus.”**²⁰

Como é a família que esses jovens desejam ter e a que eles não desejam ter? Em 2001 realizamos uma pesquisa com jovens saídos do tráfico, ao todo eram 180 jovens, de ambos os sexos que participavam do Projeto Jovens pela Paz, no Cantagalo, Pavão e Pavãozinho.²¹ Ao invés de entrevistas, preferimos realizar oficinas em grupo com a finalidade de saber qual era a problemática central dos grupos, foram propostos diversos temas como família, sexualidade, drogas e violência. Examinaremos alguns dos depoimentos escritos nos painéis das oficinas sobre a família. No primeiro painel destacamos o seguinte texto escrito pelo grupo:

Não gostaríamos de ter

Uma família desunida

Violenta

Revoltada

Sem Estrutura

Envolvida no Tráfico

Irresponsável, Sem Estudo, Infeliz

ser explicada apenas como resultado da pobreza e da falta de alternativas sociais. A mobilização de recursos sociais e culturais que proporcionava fez, na verdade, do gueto uma poderosa alavanca na integração dos judeus recém chegados à sociedade americana. O gueto deixara de ser imposto, como na Europa medieval, e tornara-se voluntário. Ver *Le ghetto* (1928), Paris, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1980. In Peralva, **A Violência e Democracia. O Paradoxo Brasileiro**. Prefácio de Alain Touraine. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 49.

¹⁸ Documentário realizado por Celso Athayde e MV Bill, apresentado pela rede globo em 19 de marco de 2006.

¹⁹ Filme dirigido por João Moreira Salles e Kátia Lund, lançado em 1998.

²⁰ Filme dirigido por Fernando Meirelles, lançado em 2002.

²¹ Iniciei, durante o **Curso de Doutorado em Saúde Pública no Instituto de Medicina Social da UERJ** (1998-2002), uma experiência como voluntária pela Ong Viva Rio, junto às Comunidades do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho e Rocinha, entre 2001 e 2003.

Entre os painéis das famílias que eles gostariam de ter destacamos este que apresenta o seguinte texto escrito pelos jovens:

Essa é a família que todos nós gostaríamos de ter

Multiracial

Uma Família Mundial onde só as qualidades culturais e etc. de cada nação sejam únicas na humanidade

Os Defeitos?

O que são os defeitos?

Entramos no sonho de tal forma que esquecemos que existem problemas, inclusive defeitos...

Entre os painéis das famílias que eles não gostariam de ter temos o seguinte texto:

A Família que não gostaríamos de ter

Vive com medo, já não pode sair nas ruas desfrutando de suas conquistas, ou simplesmente ir à escola ou trabalhar.

Vive em guerra, destrói outras famílias com sua ambição e corrupção

Matam por coisas banais.

Dessa vez não sonhamos, infelizmente essas famílias existem

Nesse outro painel de Famílias que eles não gostariam de ter está escrito:

Agora é guerra

Fé ou Má Fé

Desastrada

Desfecho Trágico

Ainda nesse outro painel:

O Vilão Assumido

Não queremos violência na Comunidade queremos Paz

E mais este painel onde podemos ler:

Explosão da Periferia

Refém do pavilhão

Somos todos reféns

A Anatomia de um Crime

E, finalmente, nesse último painel vemos um recorte com uma foto de um jovem negro, em cadeira de rodas, entre uma gravura do “Plin da Independência” e a gravura de duas crianças brancas abraçadas, deitadas sobre um colchão de ar numa piscina. Essa montagem enuncia o mal-estar desse jovem, vítima da violência em contraste com o bem-estar dessas crianças que podem gozar a vida se divertindo alegremente. Este jovem da foto ficou paraplégico, atingido por uma bala num tiroteio com a polícia na comunidade do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho, na qual vive e foi um dos participantes das nossas oficinas. Em nossa pesquisa verificamos que a problemática central de todos os grupo era a Violência.

II- Culpa e Vergonha

*“A ostensiva desigualdade na distribuição do gozo e a ausência correlata de um Estado que pudesse regular minimamente a repartição justa daquela estão certamente na base do mal estar presente na tradição brasileira”.*²²

Com essas palavras o psicanalista Joel Birman, nos fornece ferramentas para pensarmos sobre as causas desse mal-estar que procuramos

²² **BIRMAN**, Joel “Sobre o mal-estar na modernidade e na brasilidade” (Conferência realizada na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, em 2003) In **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 73.

enunciar, no caso “**O mal-estar das Juventudes brasileiras Segregadas**”, juventudes capturadas pelo estado de mal-estar presente em nossa brasilidade. O que não implica que as juventudes das classes mais favorecidas, das classes médias, também não sejam afetadas por esse mal-estar. A captura se dá através do medo do empobrecimento e da proletarização que tem atingido aos jovens das classes médias, além do medo da própria violência e da falta de perspectivas de futuro.

Nas palavras de Birman, estamos vivendo uma época em que “*o desamparo atinge então níveis espetaculares, diante da ausência do Estado e do genocídio de suas políticas econômicas, voltadas para o capital financeiro internacional.*”²³

Os efeitos mais espetaculares disso são o gigantesco incremento da violência, da criminalidade e da delinqüência. Entretanto em sua análise sobre o mal estar na brasilidade, este mal-estar hoje, não se materializa mais em torno da culpa, como o afeto primordial, mas se configura decididamente no registro da vergonha. Para o autor, a presença da culpa nos remeteria ainda como sujeito à crença na existência da figura do pai e ao reconhecimento da transcendência de uma lei simbólica, que possa com justiça regular a distribuição do gozo. Porém, quando não se pode acreditar mais nisso, o que importa para a subjetividade é salvar a própria pele, isto é, garantir algum gozo próprio para si e ligar o “dane-se” geral para o gozo dos outros, no caso o gozo das **Juventudes brasileiras Segregadas**.

²³ Idem, idem, p. 74.

II- Justiça e Direito

Sobre a problemática da violência, sabemos que ela incide no discurso freudiano a partir do texto de 1913, **“Totem e Tabu”**, e, vai ser trabalhada por Freud em alguns textos a partir desse período: **“Considerações sobre a guerra e a morte”** (1915); **“O Problema Econômico do Masoquismo”** (1924); **“O Mal Estar na Civilização”** (1930 [1932]); e, **“Por que a guerra?”** (1933 [1932])

Entretanto é em “Totem e Tabu” que Freud constrói o mito fundador da cultura moderna ocidental, cujos alicerces estarão para sempre fundados numa situação ao mesmo tempo paradigmática e paradoxal. Esse mito realça a grande fragilidade do projeto civilizatório moderno ocidental, que por suas próprias origens encontra-se fadado a um eterno retorno à barbárie. Isso porque, se por um lado, a cultura se funda em um ato violento – o assassinato do pai da horda primitiva, representante primordial de toda e qualquer figura de exceção em relação a uma possível organização social; por outro, para que esse projeto civilizatório se torne duradouro, é preciso que haja uma união dos mais fracos com intuito de conter o poder de todo aquele que queira ocupar este lugar do mais forte. Porém, este poder não cessará de ameaçar com o seu retorno, em toda e qualquer figura de exceção: seja a do pai da horda primordial dos tempos primevos, seja a figura do soberano no *“Ancien Régime”*; ou do ditador totalitário nos tempos dos regimes republicanos e democráticos. Por isso, do registro de uma violência sagrada, necessária à fundação da Lei, passamos ao registro de uma violência mítica, presente no registro do Direito, que corresponde a essa união dos mais fracos, mediada não mais pela força bruta, mas pela necessidade de

tornar duradoura essa nova união. Porém, neste novo registro do direito, a violência não corresponde mais, necessariamente, ao imperativo da Justiça.²⁴

Com isso instala-se na contemporaneidade uma oposição cada vez mais abissal entre os registros da Justiça e do Direito²⁵, nessa oposição entre uma violência simbólica e uma violência real, entre uma violência sagrada e uma violência mítica. Podemos identificar nessas oposições uma das fontes do mal-estar nos tempos atuais da nossa brasilidade.

Diante do esfacelamento e da inexistência de um horizonte onde o registro da Justiça pudesse se constituir como garantia de um estado mínimo e razoável de Justiça Social, por meio de uma violência simbólica; diante deste fracasso estrondoso no mundo contemporâneo, será no registro do Direito, pela volta do exercício da violência real, que alguns grupos se organizam em torno da luta contra o hiperpoder de um só. Este hiperpoder pode estar representado pela nação soberana versus as nações emergentes; ou pela classe dominante de uma elite globalizada versus os excluídos e miseráveis de todo mundo; ou pela autoridade constituída versus as juventudes segregadas.

Nas sociedades arcaicas encontramos um respeito muito mais profundo por certos valores éticos que nas sociedades modernas, mesmo não dominando os instrumentos racionais, seguindo as hipóteses da antropologia evolucionista então dominante. Em efeito, os primeiros teriam sido capazes de respeitar as relações dos indivíduos com a morte, a perda e a dor – isto que as sociedades modernas ignoram, apesar de todos os seus progressos racionais.²⁶ Portanto, na atualidade, é nesse caldo de violência cultural que novas formas de

²⁴ Idem, idem..

²⁵ BIRMAN, J. “A psicanálise e a crítica da modernidade” In **A psicanálise e o pensamento moderno**. Regina Herzog (org.) – Contra Capa Livraria, 2000, p. 110-112.

subjetividade e de mal-estar estão sendo forjadas a ferro e fogo. Estamos vivendo uma espécie de nova ordem política e social que se constrói como uma nova forma de barbárie. Os avanços da ciência e da tecnologia, os baluartes que a modernidade construiu como promessas para construção de um mundo melhor, redundou em fracasso. O discurso freudiano, como discurso crítico da modernidade, particularmente da modernidade ocidental, pode nos fazer avançar na construção de ferramentas que possibilitem ampliar este debate sobre a problemática da violência da segregação e seus efeitos na constituição de subjetividades em período de formação.

Em “Por que a guerra?”, o discurso freudiano retoma o que já tinha avançado nos ensaios anteriores, mas nele inscrevendo o novo dualismo pulsional dos anos vinte, quer dizer a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte introduzida em “Além do princípio do prazer”. E, neste contexto Freud irá inscrever ainda em seu discurso, as conseqüências que isto acarreta para os registros do psíquico, do social e do cultural, desenvolvido em o “Mal Estar na Civillização.”²⁷ É então, será este novo dualismo pulsional que orientará doravante o questionamento freudiano ao sujeito da violência e da guerra.

Assim, há um reconhecimento por parte de Freud de que a história humana é marcada pela oposição entre guerra e paz, que são variações que atravessam nossa história e a modulam. Neste sentido, Freud não é um pacifista, pois apesar de pretender que a paz exista, a guerra é uma possibilidade sempre

²⁶ BIRMAN, J. **Violence, Ségrégation et Formes de Subjectivation**. (2004 - Texto Miemografado), p. 8.

²⁷ Apud BIRMAN, J. **Violence, Ségrégation et Formes de Subjectivation**. (2004 - Texto Miemografado), p. 8 FREUD, S. Mal Estar na Civilização (1930[1929]) *In Obras Completas*. Vol. XXI; Amorrortu Editores; 1989; pp. 57-140.

presente no horizonte social e histórico.²⁸ Finalmente, Freud não é nem um pouco ingênuo politicamente falando, aliás como Einstein, fazendo uma crítica de uma leitura realista sobre Paz e Guerra. A oscilação entre estes dois pólos, seria regulada no registro psíquico pelas relações entre pulsão de vida e pulsão de morte. Será este novo dualismo pulsional que constitui o fundamento dos enunciados presentes nos escritos de 1913 e 1915, portanto sobre a violência e a guerra. Serão assim as relações entre as duas modalidades de pulsão que esboçariam as condições de possibilidade de guerra e de paz, fundando assim o tempo da medida e aquele da desmedida. Com isso, podemos concluir que as duas modalidades de pulsão estariam sempre lá, tal como a guerra em tempos de paz, em proporções e arranjos diferentes de relação. Não haveria por conseqüência, nenhuma concepção moralista sobre a guerra e a paz. Nem sobre o bem e o mal, quer dizer sobre o amor e a destruição. Em efeito, as duas modalidades de pulsão agiriam no psiquismo sem interrupção, seja isso de maneira estridente ou silenciosa, misturadas ou separadas, porém sempre em proporções diferentes, figurando as diversas cenas da guerra e da paz. Logo, teríamos medida e desmedida como as resultantes maiores, tanto no registro psíquico quanto naquele das relações intersubjetivas.²⁹

III- Apanhadores num campo de centeio

Talvez uma imagem com a qual pudéssemos concluir essa nossa reflexão sobre “**O mal-estar das Juventudes brasileiras Segregadas**”, é aquela expressada por Holden Caulfield, personagem criada por J.D. Salinger em seu romance “O apanhador no campo de centeio”:

²⁸ Apud BIRMAN, J. **Violence, Ségrégation et Formes de Subjectivation**. (2004 - Texto Miemografado), p. 8 FREUD, S. Mal Estar na Civilização (1930[1929]) *In Obras Completas*. Vol. XXI; Amorrortu Editores;

“Você conhece aquela cantiga: ‘Se alguém agarra alguém atravessando o campo de centeio!’ Eu queria...”

“– A cantiga é ‘se alguém encontra alguém atravessando o campo de centeio! – ele disse. – É dum poema de Robert Burns.”

“– Eu sei que é dum poema de Robert Burns.”

“Mas ela tinha razão. É mesmo ‘Se alguém encontra alguém atravessando o campo de centeio.’ Mas eu não sabia direito.”

“Pensei que era ‘Se alguém agarra alguém’, falei. – Seja lá como for, fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tudo. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto – quer dizer, ninguém grande – a não ser eu. E eu fico na beirada de um precipício maluco. Sabe o que eu tenho de fazer? Tenho de agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar para onde está indo eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio e tudo. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer. Sei que é maluquice.”³⁰

Rio de Janeiro, 25 de maio de 2007

Maria Theresa da Costa Barros³¹

1989; pp. 57-140.

²⁹ Idem, idem.

³⁰ Trecho de **“O apanhador no campo de centeio”**, de J.D. Salinger, publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1945 e traduzido pela primeira vez por Álvaro Alencar, Antonio Rocha e Jório Dauster. Este trecho acompanhou uma resenha sobre o livro intitulada “Psicanálise à Americana”, escrita para o Jornal do Brasil, por Maria Theresa da Costa Barros, em 1992.

³¹ Psicanalista, Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ, Membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, EBEP, Pós-Doutoranda pelo IMS/UERJ, realiza pesquisa ao nível de pós-doutorado, no Instituto de Medicina Social da UERJ, sob orientação do Psicanalista e Professor Joel Birman, sobre as “Relações entre Violência, Juventude e Feminilidade”.